

Mariana Rocha

Casa de Oswaldo Cruz,
Fundação Oswaldo Cruz

Luisa Massarani

Casa de Oswaldo Cruz,
Fundação Oswaldo Cruz

Hans Peter Peters

Instituto de Neurociência e
Medicina, Centro de Pesquisa
Jülich, e Universidade Livre
de Berlim

**Percepções dos cientistas
brasileiros sobre a cobertura
de ciência pela mídia e sua
relação com os jornalistas:
Um estudo qualitativo**

**Perceptions of Brazilian
scientists toward science
coverage by the mass media
and their relationship with
journalists: A qualitative study**

**Las percepciones de los
científicos brasileños sobre la
cobertura de ciencia por los
medios de comunicación
periodismo científico y su
relación con los periodistas**

RESUMO

O presente estudo trata das percepções de cientistas brasileiros sobre a cobertura de temas da ciência pela mídia e da relação que eles têm com jornalistas. De caráter qualitativo, este trabalho se insere em um cenário nacional, no qual foi realizada uma enquête. A partir da enquête, identificamos alguns aspectos que foram aprofundados por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com 20 cientistas de diferentes áreas de pesquisa e regiões do Brasil. A maioria dos participantes teve uma relação positiva com os jornalistas, mas preferiram que as entrevistas se limitassem aos temas de sua especialidade, por não se sentirem à vontade para falar sobre assuntos mais amplos do país, como política e economia. Os cientistas entrevistados destacam a necessidade de usar a ética para falar sobre divergências entre pesquisadores e para comentar resultados de estudos realizados pelos seus pares. Além disso, evitaram falar sobre pesquisas ainda não publicadas em periódicos científicos, seja porque ainda não passaram pela revisão por pares, ou para preservar a propriedade intelectual de seus resultados. Os entrevistados se sentiram à vontade em falar com a mídia sem pedir autorização a superiores ou assessores de imprensa, mas preferiram não entrar em contato com jornalistas quando desejaram divulgar os resultados de seus estudos. Palavras-chave: divulgação científica; cientistas; mídia; jornalismo científico.

ABSTRACT

This study talks about the perception of Brazilian scientists toward science coverage by the mass media and about their relationship with journalists. Of qualitative character, it is part of a national study in which a survey was conducted. From the survey, we identified some aspects that were deepened through semi-structured interviews conducted with 20 scientists from different research areas and regions of Brazil. Most participants have a positive relationship with journalists but prefer to limit the interviews to topics of their specialty, as they don't feel comfortable enough to talk about broader country's issues, such as politics or economics. The interviewed scientists highlight the need of using ethics to talk about disagreements among researchers and to review results of studies carried out by their peers. Furthermore, they avoid talking about research not yet published in scientific journals, either because these have not gone through the peer review process or to preserve the intellectual property of their results. Respondents feel comfortable talking with the media without asking permission to their bosses or press officers, but prefer to not contact themselves the media, when they want to spread the voice on their results.

Keywords: science communication; scientists; media; science journalism.

RESUMEN

Este estudio presenta las percepciones de los científicos brasileños sobre la cobertura de temas de la ciencia por los medios de comunicación y la relación que tienen con los periodistas. De carácter cualitativo, se inserta en un estudio nacional en el que se llevó a cabo una encuesta. A partir de la encuesta, se identificaron algunos aspectos que fueron profundizados a través de entrevistas semiestructuradas realizadas con 20 científicos de diferentes áreas de investigación y regiones de Brasil. La mayoría de los participantes tiene una relación positiva con los periodistas, pero prefieren que las entrevistas se limiten a temas de su especialidad, pues no se sienten cómodos para hablar de cuestiones más amplias del país, como la política y la economía. Los encuestados científicos ponen de relieve la necesidad de la ética para hablar de los desacuerdos entre los investigadores y para revisar los resultados de estudios realizados por otros científicos. Además, evitan hablar de la investigación aún no publicada en revistas científicas, sea porque éstas no han pasado por la revisión por pares, sea para preservar la propiedad intelectual de sus resultados. Los encuestados se sienten cómodos en hablar con los medios de comunicación sin preguntar a los oficiales superiores o la oficina de prensa, pero prefieren no entrar en contacto ellos mismos con periodistas, cuando desean difundir resultados de sus estudios. Palabras clave: comunicación de la ciencia; científicos; medios de comunicación; periodismo científico.

Submissão: 16-6-2016

Decisão editorial: 27-11-2018

Introdução

Para pessoas que já completaram a educação formal, a mídia é a principal fonte de informações sobre temas sobre ciência e tecnologia (C&T) (Nisbet, 2002). Neste artigo, utilizamos como conceito de mídia a ideia de meios de comunicação massivos dedicados a lazer e informação, como rádio, jornal, revista, televisão e cinema (Setton, 2010). No Brasil, a TV, cujos aparelhos estão presentes em 97,2% dos domicílios brasileiros (IBGE, 2013), é o veículo preferido da população como fonte de informações em C&T, seguindo pelos jornais (MCTI e CGEE, 2015). A mídia transmite temas científicos por meio de textos com linguagem simplificada, imagens e recursos que podem facilitar a compreensão daqueles que não são cientistas. No entanto, para que isto seja possível, é preciso que exista uma ponte entre o profissional da comunicação e os pesquisadores, que são frequentemente procurados pelos jornalistas para falar sobre seus trabalhos. Porém, a relação entre cientistas e jornalistas, fundamental para o sucesso da divulgação da ciência, ocorre de modo desafiador. Maillé *et al.* (2009) afirma que a relação entre jornalistas e cientistas é geralmente difícil e insatisfatória. Segundo Dunwoody e Ryan (1983), jornalistas e cientistas têm diferentes objetivos e preocupações e, com isso, tendem a falar “línguas dife-

rentes". Se, por um lado, alguns cientistas acham que os jornalistas não divulgam a ciência com a precisão e profundidade necessárias (Peters, 1995), por outro, muitos jornalistas acham desafiador trabalhar com pesquisadores, já que eles têm dificuldade em deixar de lado termos técnicos e usar uma linguagem mais simples, aplicada ao cotidiano das pessoas (Maillé et al., 2009). Por meio de uma análise de textos de jornais, Gomes (1995) mostra que, às vezes, o desencontro entre cientistas e jornalistas ocorre porque os dois grupos de profissionais têm interesses diferentes. Enquanto os cientistas esperam que os jornalistas divulguem as pesquisas de modo semelhante aos textos publicados em periódicos científicos, os jornalistas publicam seus textos levando em consideração normas de estilo da imprensa, os interesses do leitor e do veículo para o qual eles trabalham, e não a estrutura dos textos científicos (Gomes, 1995). Além disso, os cientistas muitas vezes trabalham em um ambiente que desencoraja o desenvolvimento de atividades de divulgação científica (Dunwoody e Ryan, 1985). Peters (1995), por sua vez, destaca que jornalismo e ciência são duas "culturas profissionais" diferentes, e que os profissionais atuam em campos distintos.

Um olhar mais específico sobre a relação entre jornalistas e pesquisadores no Brasil aponta que há pouca informação sobre o tema. Em um trabalho anterior, Massarani e Peters (2016) realizaram uma enquete para identificar a opinião de pesquisadores brasileiros sobre a mídia de massa e identificaram que 67% dos 956 participantes acreditavam que o fato de terem sua pesquisa coberta pela mídia trouxe impactos positivos para os seus trabalhos, embora tenham apontado desafios na relação entre os dois grupos profissionais.

Neste artigo, relataremos os resultados de um trabalho que avaliou a percepção de 20 cientistas de diferentes áreas e regiões do Brasil sobre sua relação com a mídia e os temas tratados pelos jornalistas que os entrevistam.

Metodologia

Este estudo se insere em um projeto nacional que busca compreender como se dá a relação dos cientistas brasileiros com a mídia.¹ Na primeira fase deste projeto, foi realizada uma enquete com cientistas brasileiros de diversas áreas e regiões do país (Massarani e Peters, 2016). Tais cientistas atuam em universidades localizadas em diferentes partes do Brasil e trabalham com áreas diversas da pesquisa científica. No período da coleta de dados, esses pesquisadores faziam parte da relação de Bolsistas de Produtividade do CNPq, financiamento destinado aos pesquisadores que se destacam entre seus pares, tanto pela produção científica quanto por critérios como participação em cursos de pós-graduação e coordenação de projetos de pesquisa. Os Bolsistas de Produtividade se dividem em duas categorias: Pesquisador Nível 1, que pode ser atingido apenas oito anos após aquisição do título de doutor. Essa categoria inclui quatro níveis (de A à D), que classifica os pesquisadores em comparação aos seus pares. A segunda categoria é Pesquisador Nível 2, que requer que o cientista tenha adquirido o título de doutorado há pelo menos três anos. Todos os bolsistas selecionados recebem um valor mensal para financiamento de pesquisa, além de um complemento salarial. A amostra do estudo foi retirada

¹ Este estudo contou com apoio do CNPq (projeto CNPq 470310/2013-8).

de um total de 15 mil cientistas, localizados na base de dados dos Bolsistas de Produtividade do CNPq. Entre os critérios considerados, destacam-se a área de pesquisa, o nível da bolsa de produtividade e o gênero. De um total de 2.986 cientistas convidados a participar do estudo, 991 completaram o questionário, o que representa uma taxa de resposta de 33,2%. Após a exclusão de respostas que não se adequaram aos critérios de inclusão, ou seja, cientistas ativos que fazem pesquisa no Brasil, 956 respostas foram selecionadas para análise estatística. Para a etapa qualitativa do estudo e foco deste artigo, foram selecionados 20 dos 956 pesquisadores que responderam à enquete, buscando levar em conta o equilíbrio no que se refere às seguintes características: gênero, área de conhecimento, diversidade de níveis como Bolsista Produtividade e experiência (ou falta dela) em divulgação científica de acordo com o currículo Lattes. Também buscamos diversidade geográfica, no que se refere à instituição dos entrevistados. Desta forma, nossos entrevistados têm o seguinte perfil:

Tabela 1: Perfil dos pesquisadores entrevistados

Nome	Área geral de conhecimento	Nível de bolsa de produtividade (CNPq)	Sexo	Região do país	Experiência em divulgação científica
Ismar de Souza Carvalho	Engenharia, exatas e ciências da Terra	Nível 1A	Masculino	Sudeste	Sim
Jacob Palis Junior	Engenharia, exatas e ciências da Terra	Nível 1A	Masculino	Sudeste	Não
Claudia Moraes de Rezende	Engenharia, exatas e ciências da Terra	Nível 1 D	Feminino	Sudeste	Sim
Mônica Feijó Naccache	Engenharia, exatas e ciências da Terra	Nível 2	Feminino	Sudeste	Não
Jefferson Fabrício Cardoso Lins	Engenharia, exatas e ciências da Terra	Nível 2	Masculino	Sudeste	Sim
Márcia Messias da Silva	Engenharia, exatas e ciências da Terra	Nível 2	Feminino	Sul	Não
Marcia Cristina Bernardes Barbosa	Engenharia, exatas e ciências da Terra	Nível 1B	Feminino	Sul	Não
Otávio Guilherme Cardoso Alves Velho	Humanidades e ciências sociais	Nível SR	Masculino	Sudeste	Sim
Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes	Humanidades e ciências sociais	Nível 2	Feminino	Nordeste	Sim
Dulce Helena Penna Soares	Humanidades e ciências sociais	Nível 2	Feminino	Sul	Sim
Nísia Verônica Trindade Lima	Humanidades e ciências sociais	Nível 1C	Feminino	Sudeste	Sim
Sônia Regina Fiorim Enumo	Humanidades e ciências sociais	Nível 1B	Feminino	Sudeste	Sim
José Luiz de Amorim Ratton Júnior	Humanidades e ciências sociais	Nível 1D	Masculino	Nordeste	Não

Nome	Área geral de conhecimento	Nível de bolsa de produtividade (CNPq)	Sexo	Região do país	Experiência em divulgação científica
Alexander Wilhelm Armin Kellner	Ciências da vida e saúde	Nível 1B	Masculino	Sudeste	Sim
Stevens Kastrup Rehen	Ciências da vida e saúde	Nível 1B	Masculino	Sudeste	Sim
Nanuza Luiza de Menezes	Ciências da vida e saúde	Nível 1A	Feminino	Sudeste	Não
Sergio Teixeira Ferreira	Ciências da vida e saúde	Nível 1A	Masculino	Sudeste	Não
Helena Bonciani Nader	Ciências da vida e saúde	Nível 1A	Feminino	Sudeste	Não
Elisa Cupollillo	Ciências da vida e saúde	Nível 1B	Feminino	Sudeste	Sim
Ricardo Gattass	Ciências da vida e saúde	Nível 1B	Masculino	Sudeste	Sim

Embora na primeira etapa do estudo os cientistas convidados tenham sido selecionados por serem representativos dos Bolsistas de Produtividade na ocasião, nesta etapa qualitativa o conjunto de entrevistados não é representa este setor da comunidade científica brasileira – e nem poderia, por conta das características do estudo específico deste artigo. Por outro lado, esta etapa do estudo buscou esclarecer e aprofundar alguns resultados observados na etapa quantitativa. Dessa forma, os resultados da primeira fase (xxxxxx, 2016) [nome de autores suprimidos para garantir a anonimidade durante processo de revisão] foram utilizados para orientar os tópicos incluídos nas entrevistas semiestruturadas realizadas nesta etapa do estudo e serão utilizados para o desenvolvimento da discussão do artigo.

As entrevistas foram feitas em um intervalo de seis meses, entre setembro de 2015 e fevereiro de 2016, por cinco entrevistadores com experiência prévia em divulgação científica. Metade dessas entrevis-

tas foi realizada pessoalmente e a outra metade via Skype, programa de comunicação por voz e vídeo da Internet, e todas foram gravadas e transcritas para análise posterior. A inclusão de entrevistas à distância foi importante para permitir a realização de entrevistas com cientistas de outros estados brasileiros.

O roteiro de perguntas serviu como guia para orientar os entrevistadores e abordou diferentes temas relacionados à divulgação científica. Na seção a seguir, apresentaremos três importantes pontos: os impactos da relação dos cientistas com a mídia, os temas expostos pelos pesquisadores para os jornalistas e a liberdade do cientista em lidar com a mídia. Primeiramente, os cientistas trouxeram suas percepções sobre os efeitos positivos e negativos gerados pelo contato com a mídia. Os resultados também descreverão quais temas os cientistas se sentem à vontade o suficiente para falar com a mídia. Os pesquisadores entrevistados foram questionados, por exemplo, se estão confortáveis em falar com a mídia sobre temas além da ciência, como política e economia. O artigo tratará sobre as divergências que ocorreram entre pesquisadores. Os entrevistados também disseram se ficam à vontade ou não em falar sobre pesquisas feitas por outros cientistas e se divulgam resultados de pesquisas que ainda não foram publicadas em periódicos científicos. Por fim, os pesquisadores esclareceram se consultam ou não algum superior ou assessor de imprensa antes de dar entrevistas para jornalistas. Eles expuseram suas relações com a assessoria de imprensa e suas opiniões sobre a possibilidade de os próprios cientistas procurarem a mídia quando têm resultados para divulgar.

Resultados

A etapa quantitativa do estudo mostrou que 67% dos 956 pesquisadores que responderam à enquete acreditam que ter sua pesquisa divulgada pela mídia gerou impactos positivos para seus trabalhos. Nas entrevistas, observamos uma tendência semelhante: 15 dos 20 pesquisadores afirmaram o mesmo. É interessante destacar que, para o entrevistado Ismar Carvalho, professor titular do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a divulgação do seu trabalho pela mídia não significa apenas torná-lo conhecido ao público, mas também aos seus pares, já que esses profissionais acabam não lendo artigos que não são da sua especialidade e conhecem os estudos de outros cientistas por meio da mídia e da internet. Jacob Palis, professor do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) e, na época da entrevista, presidente da Academia Brasileira de Ciências, também afirma que, por meio da mídia, os cientistas podem mostrar o protagonismo do Brasil em diversas áreas da pesquisa científica, o que é muito positivo para o país. Além disso, os efeitos positivos podem ir além da atividade científica: José Luiz Ratton, professor do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Criminalidade, Violência e Políticas Públicas de Segurança, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), comentou ter realizado um estudo apontando gargalos no tempo do julgamento de homicídios em Recife. Segundo ele, o problema estava relacionado ao fato de que o município tinha apenas duas varas do tribunal do júri, o que tornava o processo mais demorado. O cientista conta que, após a divulgação

da sua pesquisa em uma coletiva de imprensa, duas novas varas foram criadas. Dulce Penna, professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina e coordenadora do Laboratório de Informação e Orientação Profissional, disse ainda que a cobertura de seu trabalho pela mídia não gerou retorno financeiro dentro da universidade, mas fez com que ela fosse mais procurada por conta do seu trabalho no setor privado.

Os entrevistados também falaram sobre quais temas os pesquisadores devem falar com a mídia. Na primeira fase do projeto, os cientistas que responderam à enquete concordaram que, durante entrevistas concedidas aos jornalistas, eles podem ir além de sua área de atuação e falar sobre política, economia e outros temas que afetam a sociedade. No entanto, nessa etapa qualitativa do estudo, a maioria dos entrevistados disse se sentir mais à vontade para falar sobre esses temas somente quando estão ligados à ciência, como, por exemplo, a relação entre a economia do país e o impacto no financiamento de pesquisas. Um deles é o cientista Ismar Carvalho, que afirma não falar sobre política ou economia por não ser analista político nem economista. Carvalho acredita que não é necessário expressar para o grande público sua opinião sobre esses assuntos e que cientistas devem falar sobre o que conhecem. José Luiz Ratton demonstra uma opinião parecida. Ele comenta que os cientistas devem falar sobre o tema que entendem, ou correm o risco de virarem “tudólogos”, pessoas que falam sobre qualquer tipo de assunto. Segundo ele, esse tipo de postura “empobrece a natureza da opinião”.

Os resultados da enquete também mostraram que os cientistas não se sentem à vontade em falar sobre a vida pessoal, característica que se repetiu nas

entrevistas. No entanto, boa parte deles parece estar confortável o suficiente para falar sobre a vida pessoal quando o assunto é relacionado à formação como cientista. Nesse caso, o jornalista pode perguntar, por exemplo, quais caminhos levaram o pesquisador a escolher aquela profissão.

Também pesquisamos como os entrevistados se sentem ao expor para a mídia divergências que ocorrem entre cientistas. Na enquete, houve uma certa concordância por parte dos pesquisadores participantes com o fato de que o cientista deve falar abertamente sobre problemas e controvérsias entre colegas. No caso das entrevistas, 16 dos 20 pesquisadores disseram achar essa atitude correta, mas todos destacaram que isso deve ser feito com caráter ético, sem extrapolar para divergências pessoais. Dois entrevistados afirmaram que, caso a divergência não seja apresentada com clareza, o público pode achar que os pesquisadores discutem sobre seus temas de estudo, mas nunca chegam a um acordo ou conclusão. Tais pesquisadores defendem que o cientista se torna formador de opinião por meio da imprensa e por isso precisa ter cuidado com o que diz.

Outro tópico incluído na entrevista refere-se à questão se jornalistas devem divulgar estudos ainda não publicados em periódicos científicos, um ponto de interesse nosso, por conta de discussões no âmbito do jornalismo científico: por um lado, a prática jornalística incentiva a busca por informações inéditas. Por outro, alguns setores do jornalismo científico defendem que o fato de um estudo ter resultados publicados em um periódico científico revisado por pares representa que ele já passou por um crivo de qualidade que, embora não seja infalível, respaldaria

os jornalistas, que por normalmente não terem formação científica, nem sempre contam com os conhecimentos necessários para avaliar um estudo científico. A maior parte dos pesquisadores entrevistados acredita que os cientistas devem divulgar apenas pesquisas já publicadas em periódicos científicos, tanto para proteger a propriedade intelectual dos dados quanto pela crença de que estudos não publicados precisam ter sua veracidade comprovada ao passarem pelo controle de qualidade do corpo editorial das revistas científicas. O resultado parece em consonância com estudos semelhantes, como o de Allgaier *et al.* (2013), no qual entrevistas mostraram que pesquisadores dos Estados Unidos e da Alemanha afirmam que somente estudos publicados em revistas científicas de prestígio devem ser cobertos pela mídia.

Sobre a liberdade de falar com a mídia, quinze dos vinte entrevistados disseram não consultar ninguém antes de concordar em dar uma entrevista para um jornalista. A decisão é pautada na autonomia desses pesquisadores dentro da universidade pública. Cinco desses cientistas afirmaram buscar o auxílio da assessoria de imprensa somente em casos específicos, como quando precisam falar sobre assuntos polêmicos ou quando pretendem falar com a imprensa como gestores da instituição. Para os pesquisadores, a importância da mediação da assessoria de imprensa se destaca também nos casos em que o próprio cientista deseja buscar a mídia para falar sobre seus resultados, e não o contrário. A etapa quantitativa do nosso estudo mostrou justamente que os pesquisadores brasileiros preferem não procurar jornalistas para falar sobre suas pesquisas. Desse modo, questionamos o que os entrevistados achavam

sobre isso. A maior parte compartilhou a opinião de que os pesquisadores brasileiros têm receio de buscar jornalistas para falar de suas pesquisas por sentirem que estão fazendo propaganda dos próprios estudos.

Discussão e considerações finais

O presente artigo descreveu as percepções de 20 cientistas brasileiros sobre a relação entre pesquisadores e a mídia, e o impacto da cobertura de ciência sobre a atividade científica. Os entrevistados afirmaram que a cobertura da mídia de temas científicos tem um impacto positivo em seus trabalhos, sugerindo que esses profissionais podem estar, atualmente, aceitando melhor a forma como os jornalistas divulgam ciência do que no passado. Em uma pesquisa feita por Hartz & Chappel (1997) feita há mais de uma década, cerca de 75% dos cientistas estadunidenses afirmaram que, ao cobrir ciência, a mídia estava mais interessada em sensacionalismo do que na verdade. Em 1995, Cavalcanti realizou um estudo em que sete jornalistas e dez cientistas foram entrevistados com o intuito de identificar quais fatores dificultam o relacionamento entre os pesquisadores e a imprensa. Os pesquisadores brasileiros entrevistados para o estudo disseram encontrar dificuldade em se relacionar com a mídia por acreditarem que muitos jornalistas interpretavam erroneamente as informações por eles fornecidas ou utilizavam essas informações para fazer uma divulgação científica sensacionalista. Com base nos resultados de nossa pesquisa, tanto da fase quantitativa (xxxxxx, 2016) [nome de autores suprimidos para garantir a anonimidade durante processo de revisão] quanto da fase qualitativa aqui apresentada, é possível perceber que, atualmente, os

pesquisadores têm uma boa relação com a imprensa e expressam uma percepção positiva de sua relação com esses profissionais, seguindo uma tendência também observada em outros países (Peters *et al.*, 2008). Considerando que jornalistas científicos são atores-chave para a consolidação da cultura da ciência no Brasil (Massarani *et al.*, 2013), a boa relação entre jornalistas e pesquisadores possibilita maior eficácia na união entre o fazer científico e a disseminação dos resultados das pesquisas e, portanto, uma divulgação científica mais eficaz. O interesse do público no tema é crescente e a mídia, principal fonte de informação (MCTI e CGEE, 2015), precisa do apoio dos pesquisadores para divulgar ciência com precisão. Além disso, a divulgação científica também faz parte da relação entre os cientistas, já que eles fazem uso do jornalismo como fonte de notícias de ciência, possibilitando conversar com os pares não somente por meio dos periódicos especializados, mas também pela mídia de massa (Phillips *et al.*, 1991).

Ainda que atualmente tenham melhor relação com a mídia do que no passado, os cientistas continuam com certo receio quanto aos temas tratados nas entrevistas feitas. Alguns dos participantes da nossa pesquisa se sentiram mais confortáveis em falar somente sobre as próprias pesquisas. Ao extrapolar para outros temas, preferem que eles continuem se relacionando com a ciência, mesmo se o assunto tratar da vida pessoal do entrevistado. No entanto, ao dialogar com o jornalista sobre temas fora da esfera científica, o pesquisador conseqüentemente dialoga com o público, aproximando-se daqueles que não são cientistas. Por ser um canal de diálogo com o público, a mídia tem um papel fundamental

no engajamento da sociedade para com a pesquisa científica. Além disso, falar mais abertamente de sua vida pessoal poderia ajudar a desconstruir a imagem estereotipada do cientista, como o alguém distante da realidade e da vida social.

Sobre serem contrários à divulgação de dados não publicados em periódicos científicos, da os pesquisadores revelam ter receio de perder a propriedade intelectual da pesquisa – ou seja, ter seus dados “roubados” por alguém – ou mesmo que a divulgação desses dados pela mídia leve à perda do ineditismo dos resultados, o que pode prejudicar ou mesmo inviabilizar a publicação em uma revista especializada. Outro argumento, apontado tanto por alguns cientistas como por editores de vários meios de comunicação, é de que esses dados não passaram pelo respaldo de um processo de revisão de pares. No entanto, o jornalismo se baseia na divulgação de novas informações e de fatos ainda não conhecidos pelo público. Além disso, é preciso considerar que muitos periódicos científicos não estão disponíveis para o grande público ou são publicados em uma linguagem voltada a especialistas, e a divulgação científica permite que esses dados cheguem à população não especializada. Dessa forma, perceberemos a formação de uma área nebulosa: a necessidade de ter acesso a dados novos é natural para o jornalista, mas o receio do cientista em divulgá-los é igualmente compreensível. O embate se dá, portanto, na diferença entre o fazer jornalístico e o fazer científico. Porém, não cabe ao jornalista limitar a divulgação científica somente aos dados encontrados em artigos científicos e o próprio pesquisador pode apoiá-lo nesse processo. De acordo com Massarani e Peters (2016, p.7):

O jornalismo não limita seu campo à cobertura de resultados de pesquisa reportados. Cobrir ciência não inclui somente resultados dignos de nota: questões de “bastidores” e políticas científicas são, de fato, também importantes para a cobertura e não são relatados em artigos em revistas científicas.

Os cientistas que participaram de nosso estudo também se mostraram receosos em buscar os jornalistas para divulgar suas pesquisas. Esse comportamento não é novo, considerando que, de acordo com Cavalcanti (1995), na década de 1990 os pesquisadores se queixavam por não serem procurados pela imprensa, mas também não eram proativos para fazer contato com os jornalistas. Nessa dinâmica, surge outro impasse: os cientistas não procuram a imprensa para sugerir pautas e não há jornalistas suficientes nos jornais para cobrir todas as áreas científicas. O papel da assessoria de imprensa das universidades, nesse ponto, pode ajudar a minimizar essa carência. De acordo com Flores (2005), a assessoria de imprensa universitária funciona como intermediária para a comunicação entre cientistas e jornalistas.

Nosso estudo analisou algumas das características da relação entre cientistas e jornalistas brasileiros. Acreditamos que os resultados expostos neste trabalho podem ajudar não apenas na compreensão da relação entre cientistas e jornalistas, mas também no estímulo do desenvolvimento de estratégias que impulsionem o diálogo entre esses profissionais. Financiada a partir de verbas públicas, a atividade científica é sustentada pelo grande público e feita para ele, e a ação conjunta de pesquisadores e jornalistas permite maior acesso e engajamento da comunidade de não-cientistas em temas da ciência.

Referências

- ALLGAIER, J.; DUNWOODY, S.; BROSSARD, D.; LO, Y. Y.; PETERS, H. P. Medialized science? Neuroscientists' reflections on their role as journalistic sources. In: **Journalism Practice**, v. 7, n. 4, pp. 413-429, 2013. Disponível em: < <http://juser.fz-juelich.de/record/134616/export/hx?ln=en> > Acesso em: 16 de Junho de 2016.
- CAVALCANTI, F.M.C.G. Jornalistas e cientistas: os entraves de um diálogo. In: **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 18, n. 1, pp. 140-152, 1995. Disponível em:< <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/885/789> > Acesso em: 14 de Junho de 2016.
- DUNWOODY, S.; RYAN, M. Public information persons as mediators between scientists and journalists. In **Journalism Q.** v. 60, n. 4, pp. 647-656, 1983. Disponível em: < <http://search.proquest.com/openview/e62668c547f866265155214900391216/1?pq-origsite=gscholar> > Acesso em: 23 de maio de 2016.
- DUNWOODY, S.; RYAN, M. Scientific Barriers to the Popularization of Science in the Mass Media. In **Journal of Communication**, v. 35, pp. 26-42, 1985. Disponível em: < <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1460-2466.1985.tb01882.x/abstract> > Acesso em: 23 de maio de 2016.
- FLORES, G. B. **Entre a ciência e a mídia: um olhar de assessoria de imprensa.** 2005. 91 f. Dissertação. (Mestrado em Análise do Discurso) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2005. Disponível em: < http://busca.unisul.br/pdf/82066_Giovanna.pdf > Acesso em: 23 de maio de 2016.
- GOMES, I. **Dos Laboratórios aos Jornais: um estudo sobre Jornalismo Científico.** 1995. 223 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.
- HARTZ, J.; CHAPPEL, R. **Worlds apart: How the distance between science and journalism threatens America's future.** Nashville, TN: First Amendment Center. 1997. Disponível em: < <http://www.firstamendmentcenter.org/madison/wp-content/uploads/2011/03/worldsapart.pdf> > Acesso em: 14 de junho de 2016.
- IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Brasil e Síntese de Indicadores 2013.

2013. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/impressa/ppts/00000018883109232014310419410583.pdf> >
Acesso em: 14 de abril de 2016.

MAILLÉ, M.E.; SAINT-CHARLES, J.; LUCOTTE, M. The gap between scientists and journalists: the case of mercury science in Québec's press. **Public Understanding of Science**, v. 19, n. 1, pp. 70-79, 2009. Disponível em: <<http://pus.sagepub.com/content/19/1/70.abstract>> Acesso em: 23 de maio de 2016.

MASSARANI, L.; BAUER, M.W.; AMORIM, L. Um raio X dos jornalistas de ciência: há uma nova "onda" no jornalismo científico no Brasil? In. **Comunicação & Sociedade**, v. 35, n. 1., pp. 111-129, 2013. Disponível em:< <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/3612> > Acesso em: 14 de junho de 2016.

MASSARANI, LUISA; PETERS, HANS P. Scientists in the public sphere: Interactions of scientists and journalists in Brazil. In. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0001-37652016005008109&lng=en&nrm=iso >. Acesso em: 14 de junho de 2016.

MCTI e CCGE - MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO. CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS. (2015). Percepção pública da C&T no Brasil 2015. [online] Disponível em: <http://pt.slideshare.net/MCTI/percepo-pblica-da-ct-2015-cgee>. Acesso em: 15 de junho de 2016.

NISBET, M. C.; SCHEUFELE, D. A.; SHANAHAN, P. M.; BROSSARD, D.; LEWENSTEIN, B. V. Knowledge, Reservations, or Promise?: a Media Effects Model for Public Perceptions of Science and Technology. In. **Communication Research**, v. 29, n. 5, 2002. Disponível em: < <http://crx.sagepub.com/content/29/5/584> > Acesso em: 23 de maio de 2016.

PETERS, H.P. The interaction of journalists and scientific experts: co-operation and conflict between two professional cultures. In. **Media, Culture & Society**, v. 17, n. 1, pp. 31-48, 1995. Disponível em: < <http://mcs.sagepub.com/content/17/1/31.extract> > Acesso em: 23 de maio de 2016.

PETERS, H.P., BROSSARD, D., CHEVEIGNÉ, S., DUNWOODY, S., KALLFASS, M., MILLER, S., TSUCHIDA, S. Science Communication: Interac-

tions with the mass media. In. **Science**, v. 321, n, 5886, pp. 204-205, 2008.

PHILLIPS, D.P.; KANTER, E.J.; BEDNARCZYK, B.; TASTAD, P.L. Importance of the Lay Press in the Transmission of Medical Knowledge to the Scientific Community. In. **New England Journal of Medicine**, n. 325, v. 16, pp. 1180–3, 1991. Disponível em: < <http://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJM199110173251620> > Acesso em: 23 de maio de 2016.

SETTON, M. G. **Mídia e educação**. São Paulo: Editora Contexto, 2010, 128 p.